

ANÁLISE DE INDICADORES DO SETOR INDUSTRIAL E DE SEU MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP

Eliane Carvalho dos Santos¹

Resumo

A partir da análise de indicadores sobre o setor industrial e seu mercado de trabalho formal podemos apreender informações acerca dos elementos que configuram sua dinâmica. Assim, diante dos processos que impactaram a estrutura produtiva brasileira, que combinaram iniciativas privadas com iniciativas do Estado, o mercado de trabalho formal industrial sofreu diversas modificações, sejam em lugares próximos ou distantes dos grandes centros industriais. Desse modo, o presente texto traz reflexões acerca da atual configuração da indústria e de seu mercado de trabalho formal dos municípios com população acima de 20 mil habitantes da Região Administrativa de São José do Rio Preto, localizada na porção noroeste do Estado de São Paulo, portanto, distante dos grandes centros industriais. Através da análise de dados, apresentaremos alguns resultados obtidos que refletem sua realidade, considerando a influência dos processos acima citados.

Palavras - chave: Produção do espaço; Indústria; Mercado de trabalho formal industrial; Reestruturação produtiva; Região Administrativa de São José do Rio Preto.

Abstract

From the analysis of indicators on the industry and its formal labor market we can have information about the elements that constitute its dynamics. Thus, according to the processes that have affected the Brazilian productive structure and combined private initiatives with State ones, the industrial formal labor market has undergone to various changes, both places near and far from major industrial centers. Therefore, this text contains reflections about the current industrial configuration and its formal labor market in cities with population over 20 thousand people in São José do Rio Preto in the northwestern region of São Paulo State which is far from major industrial centers. With this analysis we present some results that reflect its reality, considering the influence of the processes above mentioned.

Keywords: Space production; Industry; The formal labor market and growth; Restructuring productive; Administrative region of São José do Rio Preto.

Introdução

A partir do final dos anos 1960 uma crise estrutural atinge vários setores da economia mundial, inclusive o produtivo, inaugurando uma nova fase de acumulação do capital, caracterizada pela supressão do modelo fordista de produção, desdobrando em um processo de reestruturação dos mercados de capitais e dos setores econômicos.

A divisão mundial do trabalho se modifica com a crise do modelo taylorista-fordista de produção e com a emergência de um modelo flexível, onde a rigidez do modo de regulação anterior é suprimida por uma flexibilidade crescente que abarca as esferas financeira, produtiva e de organização do trabalho, algo que foi vital para a adaptação dos setores econômicos diante das recorrentes crises que impactam o mundo capitalista.

Nesse período, com a necessidade de diminuir custos diante da recessão econômica e do aumento da competitividade na escala global, o setor industrial passa a intensificar o desenvolvimento de tecnologias poupadoras de mão-de-obra, além de fomentar novas formas de racionalizar a produção e o papel do trabalhador no processo produtivo, gerando uma profunda crise no mundo do trabalho.

Com isso, o setor industrial passa por transformações que abarcam as esferas da produção e das relações de trabalho e exige (e possibilita) uma nova organização do trabalho – com a horizontalização da produção, grupos de trabalho, trabalhadores capazes de tomar decisões em diferentes níveis (flexibilidade) - e uma profunda reorganização do processo educativo, das relações sociais entre gêneros e idades e do sistema de valores.

Como conseqüência, temos um processo que combina novos elementos notadamente nocivos para a classe trabalhadora, porém com uma falsa ilusão de maiores liberdades para essa classe, pois atualmente o discurso está baseado na profissionalização do trabalhador, colocando sob sua responsabilidade a condição de se colocar em um mercado de trabalho cada vez mais segmentado e competitivo.

A nova forma social sob estas transformações abrange uma sociedade globalizada, altamente tecnizada, com a ênfase da produção econômica recaindo sobre o setor de serviços e com utilização

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT – Unesp de Presidente Prudente, membro do GAsPERR e bolsista do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Endereço para correspondência: Rua Dona Militânia, 196, Vila Santa Helena, Presidente Prudente – SP. Endereço eletrônico: elianegeounesp@yahoo.com.br.

intensiva do conhecimento através das inovações tecnológicas oferecidas pela microeletrônica, pela informática e pelas novas tecnologias de comunicação.

Segundo Harvey (2003, p.140)

a acumulação flexível se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Combina novos setores, novos mercados, intensificação de inovação comercial, tecnológica e organizacional. (HARVEY, 2003, p.140).

Por isso, ela implica em altos níveis de desemprego estrutural e leva ao máximo a visão Schupeteriana do desenvolvimento através da intensificação da “destruição criativa”, resultando em produtos pouco duráveis ou rapidamente defasados.

Além disso, ela gera outras repercussões no mundo do trabalho, ao aumentar a horizontalização da produção com a subcontratação e utilizar de outras formas de exploração do trabalho que não garantem estabilidade e direitos aos trabalhadores, como os contratos por tempo determinado e as terceirizações com uso de trabalho caseiro.

Para Antunes (1998, p.52), a acumulação flexível

fundamenta-se num padrão produtivo organizacional e tecnologicamente avançado, resultado da introdução de técnicas de gestão da força de trabalho próprias da fase informacional, bem como da introdução ampliada de computadores no processo produtivo e de serviços. Desenvolve-se uma estrutura produtiva mais flexível, recorrendo freqüentemente à desconcentração produtiva, às empresas terceirizadas etc. Utiliza-se de novas técnicas de gestão da força de trabalho, do trabalho em equipe, das “células de produção” dos “times de trabalho”, dos trabalhos em grupo “semi-autônomos”, além de requerer, ao menos no plano discursivo, o “envolvimento participativo” dos trabalhadores, na verdade uma participação manipuladora e que preserva, na essência, as condições do trabalho alienado e estranhado. (ANTUNES, 1998, p. 52).

Nos países centrais, as transições para a acumulação flexível e a reestruturação produtiva impactaram negativamente no processo de desenvolvimento sustentado que esses estavam vivenciando sob o modo de regulação fordista. Na Europa ocidental, nesse período, a iniciativa privada garantia o pleno emprego, enquanto que o *Welfare State* (Estado de bem-estar social) garantia ganhos dos trabalhadores e assistência social.

Nos países subdesenvolvidos como o Brasil, o advento da reestruturação produtiva demonstrou seus sinais perversos com uma redução avassaladora dos postos de trabalho e considerável aumento do trabalho precário e do subemprego, com a desestruturação das famílias (com a perda do trabalho ou queda da renda dos chefes de família) e a entrada crescente das mulheres, com uma mão-de-obra pouco qualificada no mercado de trabalho (DUPAS, 2004).

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas pelas crises fiscais, inflacionárias e políticas, e aumento do desemprego estrutural. Neste sentido, esses aspectos foram reforçados com as imposições internacionais que culminaram, no início dos anos 1990, com a liberalização da economia nacional.

Na América Latina, a ideologia neoliberal imposta a partir das deliberações do Consenso de Washington (1989), que formulou o receituário neoliberal para os países em desenvolvimento com o objetivo de promover o ajustamento macroeconômico, provocou a privatização de grandes empresas estatais, a abertura comercial irrestrita (que acabou por quebrar vários setores da indústria nacional), a política de aumento de impostos, responsabilidade fiscal e diminuição dos gastos do Estado com as políticas sociais em um contexto de recessão econômica.

A junção desses fatores configurou um cenário marcado por um quadro de milhões de desempregados em todas as regiões do país que piorou a crise social já arraigada, além de um aumento maciço de condições precárias de empregos, tais como a expansão do subemprego, da informalidade e do trabalho temporário, entre outras formas de exploração do trabalho que não atendem à legislação trabalhista, conforme salienta Mattoso (1999).

A flexibilização, para a classe trabalhadora, significa enfraquecimento do poder sindical. Com a redução dos empregos tradicionais e regulares em favor do crescente uso do trabalho em tempo parcial, temporário, subcontratado e terceirizado, acaba-se reduzindo o número de trabalhadores “centrais” e

emprega-se uma força de trabalho com elevado grau de rotatividade. Cabe ainda notar que às mudanças no regime de trabalho seguiram-se as alterações significativas na luta trabalhista, pois na medida em que os Estados tinham que se tornar mais “empreendedores” e garantir um clima favorável aos negócios internacionais, o movimento trabalhista organizado e diversos movimentos sociais tinham que ser contidos.

A própria flexibilização salarial, junto com a tentativa de corte de direitos adquiridos, é elemento constitutivo da alta da taxa de exploração. Esta é altamente necessária para satisfazer as exigências por acréscimo na rentabilidade, ou seja, “não podia e não pode haver satisfação das expectativas dos investidores sem que haja um salto nas formas de exploração do trabalho” (CHESNAIS, 2003, p.51).

O reflexo dessas deliberações foi a junção da desestruturação do Estado no combate às desigualdades ao passo que as empresas privadas passavam por um processo de adaptação à nova conjuntura, iniciando um longo processo de reestruturação ainda em curso, para se manterem competitivas no contexto da acumulação flexível.

Desse modo, os espaços de localização dos estabelecimentos industriais sofreram mudanças que tiveram repercussões nos aspectos sociais, econômicos e espaciais, além do aumento das estratégias políticas locais. No Estado de São Paulo, as repercussões dos aspectos conjunturais da economia nacional exerceram impacto significativo, principalmente na região metropolitana de São Paulo, e nos eixos de crescimento industrial do interior, que correspondem a áreas que concentram grande parte da produção industrial brasileira. Porém, em todo o Estado o setor industrial foi impactado pela retração da demanda e dificuldades de investimentos.

Na Região Administrativa de São José do Rio Preto, a indústria desempenha papel fundamental na produção de espaços mais dinâmicos. Os municípios da RA² que concentram número expressivo de estabelecimentos industriais são os que mantêm um mercado de trabalho formal mais significativo, com ofertas de empregos pela indústria, comércio e serviços.

Por isso, os impactos dos processos supracitados estão presentes no setor industrial desses municípios, pois mesmo sendo em maioria indústrias de capital e origem local, a atual concorrência capitalista leva a disseminar os aspectos inovadores da produção, porém não de forma homogênea.

Ao delimitar a investigação desses aspectos com seus desdobramentos históricos e geográficos na Região Administrativa de São José de Rio Preto, localizada no noroeste do Estado de São Paulo, distante dos grandes centros industriais, buscamos, através da utilização de dados e indicadores, caracterizar a inserção das indústrias da região, mais especificamente, dos municípios com população acima de 20 mil habitantes no contexto do atual paradigma produtivo a partir da configuração da conjuntura econômica nacional.

Com base nesses objetivos, utilizamos um referencial teórico que adotasse a noção de reestruturação como algo aparente neste início do século XXI. Assim, teóricos que consideram que está em curso no mundo um processo de reestruturação do setor produtivo a partir das atuais evidências demonstradas pelas estratégias de atuação desse setor, são nosso referencial principal, demonstrado em nossas referências bibliográficas e citações apresentadas no decorrer deste texto.

Além disso, e principalmente, analisamos dados recentes do mercado de trabalho formal industrial dos municípios selecionados, extraídos de fontes secundárias como a Fundação SEADE (Sistema Estadual de análise de dados) e a plataforma RAIS/CAGED³, e descrevemos a configuração desse mercado na atual conjuntura econômica nacional.

A RA de São José do Rio Preto no contexto da Reestruturação Produtiva

A Região Administrativa de São José do Rio Preto é composta por 96 municípios. Porém, a maioria deles é de pequeno porte e sem muita importância industrial, pois a produção rural se sobressai com relação a esta, sendo mais interessante para apreender elementos para nossa análise a adoção de um critério de seleção dos municípios pesquisados.

Deste modo, selecionamos como recorte analítico para a investigação os municípios da região que contavam com população acima de 20 mil habitantes até o ano de 2007⁴.

Mesmo com um grande número de municípios compondo a região, apenas 10 deles se destacam na Tabela 1 a seguir elaborada a partir do critério adotado.

² Sigla de Região Administrativa (RA).

³ Relação Anual de Informações Sociais/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, ambos disponibilizados pelo Ministério do Trabalho e Emprego através de CD-rom ou no site oficial do Ministério: www.mte.gov.br.

⁴ Estimativa IBGE.

Tabela 1: População dos municípios pesquisados.

Municípios e RA	População – 2007
Região Administrativa de São José do Rio Preto	1.427.799
São José do Rio Preto	411.175
Catanduva	115.572
Votuporanga	83.180
Fernandópolis	66.675
Mirassol	54.885
Jales	49.377
Novo Horizonte	34.333
José Bonifácio	32.300
Santa Fé do Sul	28.732
Tanabi	23.565
Total de municípios: 10	

Fonte: Fundação Seade, 2008.

Org. Eliane Carvalho dos Santos.

A escolha pela adoção desse critério populacional não é arbitrária, pois ao verificarmos a espacialização dos estabelecimentos industriais na Região Administrativa, observamos que eles se encontram concentrados nos municípios pesquisados, e como conseqüência, nesses municípios é que está a maior quantidade de empregos industriais. Segundo a Fundação SEADE (2008), num total de 3.816 estabelecimentos industriais instalados em toda a RA no ano de 2007, 71,3% (2.724) estão concentrados nos municípios acima de 20 mil habitantes.

Isso se reflete no quadro de geração de riqueza da RA, devido não somente ao número de estabelecimentos industriais, mas também pelo fato de que nesses municípios a economia é mais dinâmica, concentrando funções de oferta de comércio e serviços, sendo a maioria deles centros urbanos de expressividade regional e/ou capitais de Regiões de Governo as quais a RA se subdivide, resultando assim, em um maior peso do PIB dessas localidades na composição do PIB regional. Segundo dados da Fundação SEADE (2008), em 2005 o PIB regional correspondia a 16.937,89 milhões de reais, o equivalente a 2,32% do PIB estadual. Já nos 10 municípios pesquisados, juntos, a geração de riqueza destes correspondia a 10.707,52 milhões de reais, relativos a 63,21% do PIB de toda a RA.

Neste cenário destaca-se o município de São José do Rio Preto na rede urbana regional e estadual. São José do Rio Preto se insere como a cidade de porte médio da região, e, considerando os papéis intermediários que essas cidades desempenham na rede urbana do Estado, ela se sobressai como a capital da RA, sendo um pólo agregador das principais funções urbanas para os habitantes da região, além de contar com expressivo número de estabelecimentos industriais (1.289)⁵ e de habitantes, como demonstrado na Tabela 1.

Quanto ao porte dos estabelecimentos industriais da RA, segundo dados da RAIS 2006, a atividade industrial está calcada na predominância das micro e pequenas empresas, pois mais de 90% delas pertencem a essas categorias.

A predominância dessas empresas reflete a realidade da indústria na região oeste do Estado de São Paulo, pois o processo de desconcentração industrial, que culminou na interiorização de grandes estabelecimentos industriais que migraram da capital e sua região metropolitana, muitos oriundos de capital externo e/ou grandes capitais nacionais, não repercutiu de forma significativa na configuração do setor na RA, pois esse processo ficou restrito a algumas áreas específicas do interior, diferenciando o espaço estadual e configurando uma nova divisão regional do trabalho.

⁵ De acordo com dados da Fundação SEADE, 2006.

O processo de reestruturação produtiva e o advento da acumulação flexível colocam as indústrias da RA em um contexto de adaptação para a aplicação das constantes inovações que podem ser empregadas no processo produtivo; porém, como a maioria delas é constituída por micro e pequenas empresas, esse processo se dá lentamente, principalmente a partir da adoção de soluções referentes à ampliação das parcerias e terceirização de serviços, ou seja, pela horizontalização da produção.

A produção horizontalizada consiste na estratégia de comprar de terceiros o máximo possível dos itens que compõem o produto final ou os serviços de que necessita. É tão grande a preferência da empresa moderna por ela que, hoje em dia, um dos setores de maior expansão foi o de terceirização e parcerias. De um modo geral não se terceiriza os processos fundamentais (core process), por questões de detenção tecnológica, qualidade do produto e responsabilidade final sobre ele.

Além disso, a extensão de parcerias diminui os gastos das empresas com equipamentos para a produção de itens secundários ao produto principal, além de deixá-las menos vulneráveis diante de um contexto de crise econômica e/ou recessão, sendo uma estratégia muito comum até para as grandes empresas na acumulação flexível.

Diante dessas estratégias de competitividade de diminuição da vulnerabilidade, ao pesquisarmos os estabelecimentos industriais de pequeno e médio porte da região, verificamos que grande parte destes está buscando aumentar sua capacidade produtiva através da adoção de máquinas e equipamentos modernos, pois dependendo do ramo da indústria que a empresa se insere isso pode aumentar a produção sem aumentar gastos com mão-de-obra. Mas, que, para isso, precisam obter facilidade de acesso ao crédito, o que oscila dependendo do período. Já, as terceirizações são mais comuns, principalmente com relação aos serviços de contabilidade, *marketing*, limpeza, suporte tecnológico⁶, etc.

Essas medidas de adaptação para manter a competitividade, contribuem na diminuição dos postos de trabalho nas indústrias e/ou na precarização destes, pois estes profissionais que antes eram contratados pelas empresas passam a trabalhar em pequenas firmas informais, em muitos casos viram autônomos que vendem seus serviços com tempo determinado, processo que se expande em escala nacional e internacional e, como já salientado, um elemento cada vez mais comum dentro do mosaico de relações que se estabelecem na indústria no paradigma flexível.

Além desses fatores, se o contexto nacional é de crise e retração da economia o cenário piora, principalmente referente ao acesso ao crédito, que se torna mais caro e seletivo retardando os investimentos industriais. Desse modo, nos dados da Fundação Seade, sistematizados na Tabela 2, podemos apreender essa dinâmica de perdas de postos de trabalho na indústria durante a década de 1990, quando houve medidas macroeconômicas que impactaram diretamente o setor industrial em todo o país e que impulsionou o processo de reestruturação do setor.

Nos anos 1990 os dados demonstram a perda de postos de trabalho do setor industrial da RA devido a vários fatores, mas vamos enfatizar os que demonstram a influência da conjuntura econômica nacional na local.

Primeiramente, temos que relacionar a perda de postos de trabalho formais por emprego de novas tecnologias no processo produtivo, onde a abertura comercial e a valorização cambial favoreceram a importação de tecnologias poupadoras de mão-de-obra. Porém, esse processo foi mais significativo nas indústrias de médio e grande porte⁷ da RA, sendo reflexo direto da necessidade de reestruturação da produção para sobrevivência das atividades.

Nesse período, houve também o fechamento de micro e pequenas empresas, mais vulneráveis aos ciclos econômicos, que não se mantiveram competitivas no mercado ao serem afetadas pela crise e pelas medidas adotadas pela política econômica do governo.

Os motivos para que esses fatores se apresentem de forma significativa na década de 1990 refletem o impacto da conjuntura macroeconômica na região. A valorização cambial, a retração da economia e a abertura comercial verificada no período, atingiram vários setores de produção industrial importantes para a economia local que sentiram o impacto da inserção de produtos importados (principalmente vindos da Ásia) mais baratos.

Com a entrada maciça de produtos importados mais competitivos que abrangeram o mercado da indústria regional houve o fechamento de várias empresas que atuavam nos ramos têxtil, calçados, brinquedos, entre outros, conforme Matushima (2001), refletindo na perda de postos de trabalho formal das indústrias locais.

⁶ Nesse amplo universo de serviços que podem ser relacionados à categoria "suporte tecnológico", incluímos aí serviços como desenvolvimento de sistemas de caixa, administração, *softwares* para diversos fins, etc.

⁷ Ao realizarmos nossa pesquisa vimos alguns exemplos dessa afirmação como é o caso da Indústria Braille Biomédica (Indústria de produtos cardiovasculares), localizada no município de São José do Rio Preto que neste período intensificou a aquisição de equipamentos de tecnologia estrangeira e a modernização administrativa com a implementação de *softwares* modernos. Assim, constatamos que a abertura econômica foi o incentivo para as indústrias de médio e grande porte da região adquirirem novas tecnologias no mercado externo.

Assim, obviamente, esse cenário refletiu não só a influência da economia nacional, mas também de toda a reorganização da produção na divisão mundial do trabalho. Nesse contexto, alguns países asiáticos já despontavam no comércio internacional como grandes produtores/exportadores de materiais eletro-eletrônicos, tecidos, entre outros, de baixa qualidade para o consumo de massa. Diante disso, as medidas macroeconômicas adotadas pelo governo federal no período impactaram na competitividade da indústria nacional de forma nociva, desprotegendo o setor devido às deliberações da política-econômica dos países (grupos) interessados no mercado interno brasileiro.

Nesse momento, os dados demonstram que o mercado de trabalho formal da indústria regional apresenta oscilações em quase todos os municípios pesquisados, principalmente com diminuição do total de empregos gerados pela indústria durante a década de 1990 e recuperação em quase todos os casos a partir dos anos 2000.

Tabela 2: Total de empregos formais gerados pela indústria dos municípios pesquisados da RA de São José do Rio Preto – década de 1990 e anos 2000.

Municípios e RA	Anos						
	1991	1993	1995	1998	2000	2003	2006
Região Administrativa de São José do Rio Preto	35.903	37.879	42.475	42.062	48.073	51.150	65.815
São José do Rio Preto	13.333	13.517	12.640	11.697	12.832	13.467	16.911
Catanduva	3.783	4.423	5.167	4.562	5.741	5.859	7.477
Votuporanga	2.921	3.215	3.686	4.668	4.958	4.691	5.240
Fernandópolis	1.199	1.196	1.940	1.901	2.095	2.079	2.537
Mirassol	3.542	4.064	3.864	3.705	4.358	3.626	4.394
Jales	480	418	575	730	862	1.304	1.863
Novo Horizonte	675	721	2.380	900	1.017	1.093	1.888
José Bonifácio	1.947	1.708	1.549	1.703	1.783	2.437	2.794
Santa Fé do Sul	305	252	452	497	652	893	1.235
Tanabi	582	598	943	752	960	1.076	1.474

Fonte: Fundação Seade, 2008.

Org. Eliane Carvalho dos Santos.

Na caracterização da indústria regional e seu movimento ao longo do período analisado, segundo dados da RAIS, as indústrias de alimentos, madeira e mobiliário, têxtil e metalúrgica, são responsáveis por cerca de 60% do número de trabalhadores industriais da RA. Dessa forma, temos uma configuração da indústria regional calcada principalmente nos ramos tradicionais. Porém, outros ramos de produção se destacam com tendência de crescimento, entre eles aparecem ramos da indústria pesada, como a metalúrgica, material de transporte e mecânica. Também se destacam o crescimento dos ramos da química e de material elétrico e de comunicações, ramos que em geral, necessitam de mais tecnologia.

Tabela 3: Número de trabalhadores da indústria, segundo os ramos na RA de São José do Rio Preto – década de 1990 e anos 2000.

RA de São José do Rio Preto	Anos							Variação do período	
	1991	1993	1995	1998	2000	2003	2006	Total	%
Ramos									
Extrativismo Mineral	232	188	396	212	501	180	202	-30	-12,93
Produtos minerais não-metálicos	1.269	876	1.023	1.191	1.312	1.592	1.788	519	40,9
Metalúrgica	3.334	3.580	3.618	4.499	5.049	5.717	6.665	3331	99,91
Mecânica	1.184	1.077	2.452	1.626	2.209	2.154	3.203	2019	170,52
Material elétrico e de comunicações	758	750	800	1.065	1.121	766	1.014	256	33,77
Material de transporte	895	1.086	2.837	1.712	2.097	2.686	3.205	2310	258,1
Madeira e mobiliário	7.383	7.287	6.779	8.478	10.982	8.992	10.521	3138	42,5
Papel, papelão, editorial e gráfica	1.789	1.202	1.133	1.105	1.380	1.632	2.167	378	21,13
Borracha, fumo, couros e similares	2.451	2.682	1.750	1.962	2.126	2.619	3.275	824	33,62
Química farm., veter., perfumarias	1.092	1.684	1.516	1.660	2.036	2.317	3.387	2295	210,16
Têxtil do vestuário e tecidos	4.677	5.420	4.445	4.204	4.867	5.365	7.306	2629	56,21
Calçados	501	691	502	328	371	363	487	-14	-2,79
Produtos alimentícios e bebidas	8.873	9.741	12.963	11.912	12.363	15.554	21.354	12481	140,66
Ser. Ind. de utilidade pública	1.465	1.615	2.261	2.108	1.659	1.213	1.241	-224	-15,29
Total	35.903	37.879	42.475	42.062	48.073	51.150	65.815	29912	83,31

Fonte: Ministério do Trabalho – RAIS, 1991, 1992, 1993, 1995, 1998, 2000, 2003 e 2006.
Org. Eliane Carvalho dos Santos.

Através da Tabela 3 apreendemos que os ramos supracitados estão crescendo na região, pois está claro o aumento de empregos industriais passa a partir dos anos 2000, sendo mais expressivo entre 2003 e 2006.

Desse modo, o atual cenário se encontra diferente daquele apresentado na década de 1990, período de início da reestruturação das indústrias e crise econômica, pois verificamos que em todos os municípios o número de empregos formais gerados pela indústria demonstra ascensão.

O aumento dos empregos condiz com o aumento do número de estabelecimentos industriais nos municípios. Em São José do Rio Preto, o número de estabelecimentos industriais cresceu mais de 53% (mais 445 estabelecimentos) durante todo o período analisado (1991-2006), cenário que se repete nos outros municípios pesquisados.

Tabela 4: Total de estabelecimentos industriais dos municípios pesquisados da RA de São José do Rio Preto – década de 1990 e anos 2000.

Municípios e RA	Anos							Variação do período	
	1991	1993	1995	1998	2000	2003	2006	Total	%
Região Administrativa de São José do Rio Preto	2.496	2.388	2.470	2.917	3.047	3.404	3.796	1.273	51
São José do Rio Preto	839	809	846	947	980	1.114	1.284	445	53
Catanduva	235	220	225	251	267	298	317	82	34,9
Votuporanga	182	186	200	253	259	254	281	99	54,4
Fernandópolis	119	96	127	161	163	164	188	69	58
Mirassol	152	154	153	180	188	219	245	93	61,2
Jales	73	63	59	66	79	93	100	27	37
Novo Horizonte	48	61	55	73	75	62	76	28	58,3
José Bonifácio	68	68	46	59	65	72	102	34	50
Santa Fé do Sul	53	45	39	48	49	69	62	9	17
Tanabi	62	57	56	59	58	56	71	9	14,5

Fonte: Fundação Seade – 2008.

Org. Eliane Carvalho dos Santos.

De acordo com os dados da Tabela 2 e Tabela 4, observamos que praticamente todos os municípios apresentaram aumento no número de empregos formais gerados pelas indústrias durante o período 2000-2006 correspondente ao aumento do número de estabelecimentos industriais no mesmo período.

Com a retomada do crescimento econômico no cenário nacional a partir de 2004 e a expansão do mercado consumidor interno a partir do aumento da renda das famílias, as indústrias da RA de São José do Rio Preto são fortalecidas, tendo impacto positivo para seu mercado de trabalho.

Dessa forma, podemos identificar através dos dados a influência da conjuntura macroeconômica nacional na dinâmica da indústria local, pois como já salientado, nos períodos de crise e recessão da economia nacional, que aliado ao processo de abertura econômica, impactou na configuração do setor industrial da região que, de maneira geral, apresentou perdas de postos de trabalho e estabelecimentos, sendo também um reflexo do início do processo de reestruturação produtiva e suas implicações no mercado de trabalho.

Porém, no atual momento de crescimento econômico, a indústria regional demonstra recuperação, fortalecimento e expansão, com o aumento dos empregos formais e de estabelecimentos em quase todos os municípios.

Assim, o cenário que se desenha para a indústria da RA ainda é de crescimento, já que o pior momento da atual crise aparenta estar no fim e, as perspectivas para a economia nacional é de crescimento nos próximos anos. Além disso, as empresas locais têm seu maior mercado na demanda local, algo que se consolida com o aumento dos centros urbanos da região.

Considerações finais

A análise dos dados selecionados sobre o setor industrial e seu mercado de trabalho formal da RA de São José do Rio Preto demonstra a dinâmica recente do setor diante das oscilações da conjuntura econômica local e nacional no período da década de 1990 e anos 2000.

Desse modo, apreendemos que na região de São José do Rio Preto, com base nos municípios que concentram a maior parte da atividade industrial da RA, a conjuntura econômica nacional e, em outras

proporções a mundial, repercutiu na dinâmica do setor industrial, sendo que na década de 1990 esse impacto representou perdas de postos de trabalho em todos os municípios pesquisados.

Diante dos processos de reestruturação produtiva e abertura econômica, alguns setores foram mais prejudicados com o aumento da competitividade e da corrida tecnológica atual, porém de maneira geral, toda a indústria regional se enfraqueceu com o cenário de recessão da época.

Atualmente, mesmo com a reestruturação produtiva ainda em curso, o momento de crescimento econômico nacional propicia o aumento dos empregos industriais formais, principalmente após o ano de 2003, algo que apreendemos através da série histórica apresentada.

É importante ressaltar que esse crescimento ocorre de forma menos concentrada, pois em quase todos os municípios pesquisados o número de empregos industriais tem aumentado nos últimos anos.

Assim, nossa conclusão é que mesmo tendo como maior mercado consumidor a RA e arredores, as medidas econômicas adotadas pelos governos nos períodos de crise e recessão da economia nacional impactaram negativamente no setor industrial da região. Isso fica mais evidente quando constatamos que após a retomada do crescimento da economia, a partir do ano de 2003, o cenário se modifica para a indústria regional, pois essa passa a demonstrar aumento dos estabelecimentos (na maioria dos setores) e dos empregos formais.

Referências bibliográficas

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

BENKO, G. **Economia, espaço, globalização na aurora do século XXI.** São Paulo: Hucitec, 1996.

BENKO, G.; LIPIETZ, A. (Orgs). **As regiões ganhadoras: distritos e redes: os novos paradigmas da geografia econômica.** Oeiras: Celta, 1994.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Bases Estatísticas. **RAIS: Relação Anual de Informações Sociais.** Brasília, 2006. *CD ROM.*

CARLOS, A. F. A. **Espaço e indústria.** São Paulo: Contexto, 1992.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital.** São Paulo: Xamã, 1996.

CHESNAIS, F. A 'nova economia': uma conjuntura própria à potência econômica estadunidense. *In:* CHESNAIS, F. *et al.* **Uma nova fase do capitalismo?** São Paulo: Xamã, 2003. p. 43-70.

DRUCK, M. G. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica.** São Paulo: Boitempo, 1999.

DUPAS, G. **Renda, consumo e crescimento.** São Paulo: Publifolha, 2004.

FURTADO, C. **Não à recessão e ao desemprego.** São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 1983.

GOMES, M. T. S **O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do Oeste Paulista: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto.** 2007. 331 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 1999.

MATTOSO, J **A desordem do trabalho**. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1995.

MATTOSO, J **O Brasil desempregado**. Como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MATUSHIMA, M. K. **A formação de um eixo de desenvolvimento entre os municípios de São José do Rio Preto e Mirassol-SP**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente-SP.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001.

POCHMANN, M. **O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1992.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEADE. **Informações dos municípios paulistas**. Disponível em www.seade.gov.br, acesso em novembro/dezembro de 2008.